

## A CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS NOS LIVROS DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II - PNLD 2014.

Reginaldo Alves

Universidade do Estado da Bahia

Adelaide Augusta Pereira de Oliveira.

UFBA/Uneb

**Resumo:** Esta pesquisa teve, como objetivo, verificar a presença do Storytelling nos livros de língua inglesa do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para o Ensino Fundamental II, ano letivo de 2014, tendo, como norteadora, a definição apresentada por Pellowsky (1977, p.15): “Storytelling é a arte, o ofício da narração das estórias em verso ou prosa, enquanto apresentada ou conduzida por uma pessoa, ao vivo, diante de uma audiência (...)”. Após a análise das coleções *Alive, It Fits* e *Vontade de Saber Inglês*, concluiu-se que não há a presença do Storytelling na modalidade proposta no projeto de pesquisa, nestas coleções.

**Palavras-chave:** Storytelling; Ensino Fundamental; Programa Nacional do Livro Didático; Língua Inglesa.

**Abstract:** This research aimed to verify the presence of storytelling in the English textbooks chosen by the Brazilian National Textbook Program for Primary Schools, for 2014. The definition presented by Pellowsky (1977, p.15): “The art or craft of narration in verse and/or prose as performed, or led by one person before a live audience (...)” is used as basis for the research. After the analysis of the books *Alive, It Fits and Vontade de Saber Inglês*, this research concluded that there is not a focus on storytelling as proposed in this research project.

**Key-words:** Storytelling. Primary School Brazilian Educational Program. English Language Teaching.

### Introdução

O ensino de idiomas estrangeiros tem mobilizado a atenção, ao longo da história, de pesquisadores, educadores, governos, e muito material foi e tem sido produzido visando compreender e facilitar o aprendizado de outras línguas.

Dentre as línguas modernas, o estudo da língua inglesa tem predominado nas escolas públicas brasileiras, e, a partir de 2011 ([portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br)), houve a distribuição de livros de língua inglesa e espanhola por parte do governo, tanto para o Ensino Fundamental, como para o Ensino Médio.

Com esta realidade em mente, foca, esta pesquisa, nas propostas de trabalho presentes nos livros didáticos de língua inglesa definidos pelo PNLD, para o ano de 2014, para o Ensino Fundamental II, sexto ao nono anos, em relação à técnica de *storytelling*, contação de estórias.

As estórias fazem parte da cultura de vários povos, há milênios, tendo sido encontrados fragmentos de textos escritos, que foram produzidos na antiguidade, em egípcio, chinês, sumério, sânscrito, e em outras línguas, sendo, os textos egípcios, os que mais se assemelham a arte da contação de estórias, e são datados em um período situado entre a décima oitava e a décima segunda dinastias. (2.000 A.C. 1.300 A.C.) (PELLOWSKY, 1977).

Baker e Greene (1987) afirmam que as estórias são importantes em vários aspectos, e se constituem em uma poderosa ferramenta para o ensino, além de contribuírem para o estabelecimento de uma relação prazerosa entre adultos e crianças, e as próprias crianças entre si. Dessa forma, elas representam uma fonte de prazer que perdurará para sempre.

Para Shedlock (1951), a utilização da contação de estórias demonstra a crença no poder educacional da mesma, e elas transmitem uma alegria dramática, que faz parte da criança, desenvolvem o senso de humor, orientam através das experiências dos personagens e desenvolvem a imaginação.

Forbush (1915), assim como Shedlock (1951), reforça a noção de que as aventuras, vividas pelos personagens adultos nas estórias, transmitem lições importantes para as crianças, que ainda não estão em condições de passar, em virtude da idade, por essas mesmas experiências, retendo, desta forma, lições importantes para a vida.

Segundo Cather (1918), as estórias desenvolvem a capacidade de apreciação da literatura e, para a mesma, o ensino sem a necessidade de punição, de coerção, atrai as crianças, e produz resultados que podem perdurar por toda a vida:

Se uma estória se apresenta como uma imagem prazerosa aos seus olhos, com tema e linguagem belos, a criança, inconscientemente, passa a ter gosto pela linguagem, pois ela não está apenas compreendendo uma sucessão de eventos que fazem parte da trama, mas, também, palavras e expressões. Algumas sentenças ficam gravadas em sua memória, e os professores que fazem os alunos reproduzirem as estórias, sabem que eles utilizam as mesmas frases, as mesmas sentenças que foram utilizadas pelo contador das mesmas. Elas não se lembram delas por um dia ou uma hora. Elas vão se lembrar das mesmas à medida que os anos passam, associando certas palavras a determinadas narrativas. (CATHER, 1918, p.70).

Partridge e Partridge (1912) corroboram com esta forma de ver o ensino de uma língua, pois, para estes autores, um idioma é melhor aprendido quando os interesses e os sentimentos da criança são colocados acima do estudo formal do mesmo. Estes autores afirmam, ainda, que uma das vantagens de se trabalhar com a contação de histórias, para o aprendizado de uma língua, é que esta é uma das melhores formas de ampliar tanto a experiência, quanto o vocabulário, imprimindo, nas mentes das crianças, o ritmo e as inflexões de uma boa fala, sendo, a história, uma das formas mais naturais através da qual a língua pode ser apresentada para as mesmas.

Zaro e Salaberri (1995) dizem que há várias razões pelas quais a técnica de contação de histórias é benéfica para as crianças, tais como o entendimento da relação entre causa e efeito, o desenvolvimento de habilidades relacionadas à audição, quanto à compreensão da ideia principal da história, mesmo sem que haja a compreensão do texto como um todo; A aquisição de novas palavras; O desenvolvimento da competência literária, através do contato com questões de estilo, formas de discurso, metáforas, a relação entre tempo e espaço dos eventos, etc.

As histórias, quando utilizadas da forma apropriada, podem contribuir para o aprendizado, e WARREN ( 2008, apud FRANKLIN, 2009), apresenta nove razões para que as mesmas sejam incluídas em um curriculum, em um contexto educacional: estimulam o aprendizado; desenvolvem habilidades de leitura;encorajam o pensamento crítico; ampliam a imaginação;promovem o desenvolvimento emocional; criam um ambiente comunitário na sala de aula; desenvolvem consciência cultural e capacidade de compreensão; formam o caráter; é um modo descontraído de aprendizado.

Haven (2000) diz que a arte da contação de histórias tem se destacado como uma ferramenta de ensino prioritária, estando, cada vez mais, presente em currículos escolares, apresentando, como um dos benefícios desta técnica, o argumento de que a mesma permite que sejam criadas imagens mais vividas nas mentes dos ouvintes, consequentemente, mais fáceis de serem lembradas, algo que nenhum outro instrumento, aplicado ao ensino, pode fazer, com a vantagem de ser de baixíssimo custo, superando, seus resultados, muitos recursos de alta tecnologia e alto custo.

Esse autor apresenta o resultado de estudos que apontam dez benefícios do trabalho com a arte da contação de histórias: é uma ferramenta poderosa e efetiva para o desenvolvimento das habilidades de ouvir, ler, falar e escrever; as informações são melhores retidas e por mais tempo; é uma excelente ferramenta para o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar; motiva os alunos a aprenderem, focando na atenção e aprendizado; melhora a autoconfiança e estima dos alunos; envolve e entretém; desenvolve a imaginação e a criatividade como nenhuma outra atividade em sala de aula; trabalha a empatia e contribui para aproximar as pessoas; desenvolve a capacidade de analisar e solucionar problemas; contribui para o desenvolvimento de valores comunitários.

Estudo feito em 1992, em Harvard, concluiu que o item mais importante presente em pessoas bem sucedidas é um vasto vocabulário, e a técnica de contação de histórias tanto contribui para esta aquisição, quanto desenvolve habilidades da linguagem relacionadas a oralidade. (Haven, 2010).

Em relação às perguntas que nortearam esta pesquisa, duas foram elaboradas: a- Como as histórias são apresentadas no livro didático para o ensino Fundamental II do PNLD 2014 (Plano Nacional do Livro Didático)? b. Como o Manual dos Professores destes mesmos Livros Didáticos (PNLD 2014) orientam os professores para o uso das histórias?

Como objetivo geral, propôs-se analisar os livros didáticos de língua inglesa para o Ensino Fundamental II, sexto ao nono ano, adotados para o ano de 2014, que são as coleções *Alive, It Fit's e Vontade de Saber Inglês*, em especial quanto ao trabalho com histórias desenvolvido nos mesmos, na modalidade em que o professor conta histórias para os alunos, e, como objetivos específicos, este trabalho apresentou os seguintes pontos: a. Levantar o histórico da contação de histórias no ensino; b. Descrever o gênero histórias; c. Identificar as histórias no Livro Didático; d. Classificar as histórias; e. Avaliar as orientações dadas para se trabalhar com histórias presentes no livro do professor.

Os pressupostos teóricos que fundamentam este trabalho estão baseados em autores que desenvolveram esta temática de forma a proporcionar amplas possibilidades de exploração do objeto de pesquisa, tais como Bauer (1977), Brenneman e Brenneman (1983), Baker (1987), Shedlock (1951), Zaro; Salaberri (1995), Forbush (1918), Pellowsky (1977), autores que produziram manuais (HANDBOOKS) para o trabalho com a contação de histórias.

Somam-se a estes, outros autores tais como Ransome (1909), que escreve sobre a história do storytelling. Partridge e Partridge (1912), Haven (2000), Cather (1918), que trabalham com esta técnica no ambiente escolar. Ziskind (1976), Bryant (1905), Bryant (1907), Keyes (1911), Walsh (2014) e Franklin (2010), que também tratam das técnicas de contação de histórias, focando, alguns deles, no público infanto-juvenil.

### Breve Histórico

O termo **Storyteller**, que pode ser traduzido por contador de histórias, de acordo com Pellowsky (1975), surgiu, pela primeira vez, no Dicionário de Inglês Oxford, em 1709, sendo definido, este termo, até o século XIX, como “aquele que conta lorotas, coisas falsas”, vindo, posteriormente, nos dicionários mais modernos, a ser definido como “aquele que conta ou escreve histórias”.

Tentando definir outro termo, **Storytelling**, traduzido por contação de histórias, essa autora considera o fato de que diferentes segmentos podem sugerir diferentes definições para o mesmo, seja por questões religiosas, seja pela forma como os contadores de história lidam com esta arte, se escrevem as mesmas, ou se trabalham com as histórias, utilizando-se de livros impressos, ou se o uso que fazem delas se limita ao trabalho com a oralidade.

Diante dessas considerações, esta autora apresenta a seguinte definição:

Storytelling é a arte, o ofício da narração das histórias em verso ou prosa, enquanto apresentada ou conduzida por uma pessoa, ao vivo, diante de uma audiência. As histórias narradas podem ser faladas ou cantadas, com ou sem música, ilustrações, ou qualquer outro acompanhamento, e podem ser aprendidas oralmente, de forma impressa, ou utilizando-se recursos tecnológicos modernos. Um dos seus propósitos deve ser o de entreter. (PELLOWSKY, 1977, p.15)

Breneman e Breneman (1983, p.7), por sua vez, definem a arte da contação de histórias como “a forma mais fácil, espontânea, e mais íntima de compartilhar uma narrativa com uma ou mais pessoas, (...) utilizando-se a voz e o corpo”.

A origem da contação de histórias, de acordo com Ransome (1909), está relacionada às palavras de advertência, por exemplo, de uma mãe para os seus filhos, quando estes se aproximavam de uma fogueira, e uma história era contada sobre como alguém, que tinha feito a mesma coisa, sofreu, queimando-se, tendo, a mesma, desta forma, um caráter educativo.

Pellowsky (1977) apresenta seis teorias que tentam explicar as origens da arte da contação de estórias, estando, as mesmas, relacionadas à necessidade de entretenimento, à explicação do mundo físico, à tentativa de se aplacar as forças sobrenaturais, à necessidade da transmissão de experiências para outras gerações, à necessidade da beleza, simetria e ordem no uso das palavras e, por último, ao desejo de registrarem-se qualidades de ancestrais, acreditando-se que isso conferiria algum tipo de imortalidade.

Para Breneman e Breneman (1983), lendas, mitos, fábulas, contos de fadas, épicos, parábolas e as baladas são tipos de estórias que voltam o seu olhar, em geral, para o começo da civilização.

Traçando um fio histórico sobre a arte da contação de estórias no continente europeu, Breneman e Breneman (1983) mencionam que há uma evidência maior da presença de contadores de história na Idade Média, pois, nesse período, milhares deles viviam nas ilhas britânicas e na Europa.

Com a invenção da imprensa, posteriormente, na Idade Moderna, houve uma grande mudança na relação entre o contador de estórias e o seu público. A produção em massa de estórias e contos impressos começou na Europa, no início do século XVI, usurpando, em certos aspectos, o lugar do contador de estórias, pois parte da população aprendeu a ler, sendo substituído, o mesmo, por pessoas que ficavam nas esquinas, fazendo propaganda de livros de contos. (PELLOWSKY, 1997).

### **Revisão do Papel da Estória no Ensino**

Partridge e Partridge (1912), escrevendo sobre a importância do uso de storytelling na educação, dizem, há cento e dois anos atrás, que essa arte estava sendo reavivada naquele período, e que a mesma, antes muito valorizada, tinha dado lugar a procedimentos mais formais de educação.

Segundo estes autores, o professor, utilizando métodos de transmissão de informação mais diretos, substituiu o contador de estórias na tarefa de transmitir conhecimento.

As experiências relatadas neste trabalho, realizadas aproximadamente um século após as observações feitas por Partridge e Partridge (1912), mesmo em países considerados mais

desenvolvidos, como uma pesquisa desonvolvida no Canadá, por Munn (1999), demonstram que a técnica de storytelling ainda não se consolidou como um prática efetiva do dia a dia escolar.

De acordo com Partridge e Partridge (1912), a inclusão da contação de estórias no ensino traz um problema à tona que deve ser discutido, que é o papel da recreação na educação, ou seja, a utilização da mesma, para promover o desenvolvimento das crianças, de forma prazerosa. Segundo os mesmos, a ideia predominante, relacionada à recreação, é a de prazer e liberdade, não necessitando de preparo prévio.

Estes autores afirmam que a inserção da contação de estórias nas atividades escolares, dentre outras coisas, remove as tensões presentes em sala de aula, em muitas tarefas, fato que não pode, segundo os mesmos, ser desconsiderado pelas filosofias de educação, e foi percebido, por exemplo, no projeto desenvolvido na Colômbia, por Gonzalez (2010).

Uma citação de Partridge e Partridge (1912) coloca a educação, de cem anos atrás, em condição de igualdade em relação às salas de aula que são encontradas atualmente, quando pensamos no ensino público do Brasil, por exemplo, no que diz respeito a presença do desinteresse, por parte de muitos alunos, sendo, a contação de estória, já naquela época, vislumbrada como um meio de modificar este quadro:

A contação de estórias tem sido uma parte muito boa e vital da relação entre pais e filhos, e nós devemos olhar para o seu declínio, nos últimos anos, como uma calamidade. A criança está, atualmente, completamente saturada da escola, e os pais tem confiado, de forma demasiada, nos livros didáticos, para transmitir cultura para elas. Há tarefas que nem as escolas ou os livros didáticos podem dar conta. É triste que a transmissão oral das nossas melhores tradições tenha sido substituída, completamente, por material impresso, rompendo com tradições que fazem parte da humanidade há milhares de anos. (PARTRIDGE; PARTRIDGE, 1912, p.83).

Em relação ao ensino de língua inglesa, estes mesmos autores relatam que os professores, de um modo geral, estavam insatisfeitos, em função do uso de ideias, segundo eles, erradas, que se baseavam no estudo formal da mesma.

Acreditavam, estes autores, que uma língua é melhor aprendida em relações sociais, e a carência de um ambiente social que expresse a vida, como ela acontece, no dia a dia, além dos momentos de recreação, dificultam o aprendizado.

Para eles, mesmo o estudo de literatura, de forma escrita, ainda que enfatize a sua beleza, deve ser colocado em segundo lugar, em relação aos métodos que dão ênfase a

oralidade e as questões sociais, pois, para os mesmos, o ensino é, primeiramente, uma função emocional.

### **Guiapara Análise da Arteda Contaço de Estórias**

De acordo com o Dicionário on-line de língua portuguesa (<http://www.dicio.com.br>), dentre outras possibilidades, a palavra “guia” pode ser definida como “manual que contém informações, instruções e conselhos (...)”.

Tendo esta definição como referência, elaborou-se, neste projeto de pesquisa, um Guia para Análise do Livro Didático, que tem uma das perguntas deste projeto de pesquisa como norteadora para a sua construção. Esta pergunta busca identificar de que forma o Manual dos Professores, adotados pelo PNLD, orienta os mesmos para o uso de estórias.

Leva-se, ainda, em consideração, a definição de Storytelling apresentada por Pellowsky (1977, p.15), para a construção do mesmo. Para esta autora, Storytelling é “(...) o ofício da narração das estórias em verso ou prosa, enquanto apresentada ou conduzida por uma pessoa, ao vivo, diante de uma audiência”.

Logo, as perguntas apresentadas são feitas considerando-se a modalidade de contaço de estórias em que um contador de estórias, neste caso, o professor, está diante de um público, ou seja, seus alunos, e conta as estórias sem o auxílio de material impresso. O guia tem, ainda, o objetivo de verificar se esta arte está sendo trabalhada com qualidade.

Com base no arcabouço teórico reunido neste projeto, alguns autores, dentre os utilizados nesta pesquisa, foram selecionados - Bryant (1905), Esenwein e Stockard (1917), Cather (1918), Forbush (1918), Zaro e Salaberri (1995), Kendal (2000), Dixon (2010) e Walsh (2014) - e, a partir de um resumo do que os mesmos apresentam, sugere-se que as seguintes perguntas sejam feitas para se identificar se há a presença do trabalho com a contaço de estórias em um livro didático:

- 1- Há instruções para que a estória seja apresentada aos alunos, pelo professor, de forma que este possa interagir com os mesmos?



- 2- Há instruções quanto ao tipo de estória que está sendo utilizado, e de como explorá-lo, tendo em vista o fato de que há características particulares inerentes aos diferentes tipos?
- 3- Há instruções, no sentido de orientar o professor quanto a um preparo adequado por parte do mesmo, considerando-se, por exemplo, o domínio da estória e adaptações, caso seja necessário, em função do público alvo não conhecer elementos culturais e geográficos presentes na estória?
- 4- Há orientações relacionadas ao espaço físico e o número de pessoas?
- 5- Há sugestões para que o professor busque outra estória, com a mesma temática, caso não se identifique com a estória apresentada no livro didático, visto que muitos teóricos concordam que contadores de histórias devem, em primeiro lugar, estar motivados com o que vão apresentar?
- 6- Há orientações, para o contador, quanto a objetividade e clareza?
- 7- Há orientações relacionadas à percepção das reações do público – feedback – enquanto a estória estiver sendo contada, bem como a forma de lidar com interrupções e ouvintes irrequietos?
- 8- Há instruções, por exemplo, para o trabalho com gestos, voz, e elementos visuais?
- 9- A estória apresentada, seus personagens, e situações vivenciadas pelos mesmos, leva em consideração questões tais como idade, nível de linguagem, base cultural, gostos e interesses dos alunos?
- 10- A estória é curta (i.e. para ser contada em aproximadamente 10 minutos)?
- 11-

### **Análise dos Livros Didáticos**

#### **Coleção Alive**

No livro 6, não há proposta de trabalho com a contação de histórias.

No livro 7, há a menção de uma história curta, a única atividade com contação de história deste livro, e que é apresentada nas atividades extras, que são exercícios que

contribuem para a revisão do que foi estudado e algumas propostas novas, que vem após a unidade oito, última unidade do livro. A estória é intitulada O Pequeno Vendedor de Fósforos, de Hans Christian Andersen, e foi editada, havendo redução do texto original.

Um dos exercícios proposto para os alunos convida os mesmos a lerem a estória apresentada, e prestarem atenção a forma como o autor descreve o tempo frio e uma garota pobre. O mesmo exercício convida os alunos, ainda, a observarem como a linguagem é utilizada para tocar os sentimentos dos leitores, chamando a atenção dos mesmos para que reflitam sobre a realidade social.

Para o professor, visto ser uma edição para o mesmo, há uma instrução impressa na própria página, que não o orienta a trabalhar com a contação de estória, mas explorar a descrição de ambiente, e da personagem do texto, adjetivos etc., As instruções para o professor orientam o mesmo, ainda, a olhar na seção do livro intitulada Objetivos, Temas e Sugestões por Unidade, presente no Manual do Professor, um anexo no próprio livro, que fica no final do mesmo. Na página 28 deste manual, o objetivo geral para esta atividade tem a seguinte informação: Levar os alunos a falar sobre proteção ambiental e turismo sustentável, sobre atividades em progresso no passado e a frequência de atividades presentes. Levá-los a pedir e dar conselhos, oferecer e fazer pedidos, bem como a falar sobre planos e combinações futuras.

Na página 30 do mesmo manual há informações sobre Hans Christian Andersen. Nesta página do manual são apresentados os principais títulos atribuídos a este autor tais como O Patinho Feio, O Soldadinho de Chumbo, A roupa Nova do Imperador, A Pequena Sereia e A Menina dos Fósforos. Também é mencionado que sua obra apresenta padrões de comportamento que deveriam ser adotados pela sociedade, mostrando confrontos entre poderosos e desprotegidos, porém, não há informações específicas sobre a estória.

Pode-se, entretanto, a partir do perfil apresentado para as suas obras, notar o contraste na estória apresentada no livro entre uma menina pobre, que perambula mal vestida, em um dia de neve, em uma noite de natal, por uma rua com luzes natalinas, de cujas casas exala o cheiro das comidas presentes em seus banquetes, como o de ganso assado.

Há, ainda, orientações para que o professor promova discussões sobre os sentidos atribuídos ao Natal, a comercialização que fazem desta data, além de orientar o mesmo a destacar a importância de se respeitar as celebrações das diferentes crenças religiosas.

Concluindo a análise desta atividade, com um conto, único deste livro, percebe-se que não há instruções de trabalho na modalidade em que o professor, diante da classe, conte o mesmo para os seus alunos.

As perguntas presentes no guia para análise de histórias criado neste projeto não são respondidas de forma positiva.

O único item do guia que foi observado pelos autores do livro refere-se a linguagem, pois, na apresentação do mesmo, na página três, os autores informam que a obra é resultado de um trabalho que está em sintonia com o seu público alvo, acrescentando que jovens da idade deste mesmo público foram entrevistados, antes da elaboração dos livros da coleção.

Dando continuidade à análise da coleção *Alive*, agora, observando-se o livro de número 8 desta coleção, percebe-se que no início da unidade 7 deste livro (pg.102) são apresentadas as propostas de trabalho para a mesma. Uma destas propostas leva o leitor a entender que os alunos, dentre outras coisas, vão aprender a contar histórias: “Learn to tell stories (...).

Todos os exercícios propostos, entretanto, além das orientações para o professor, seja nas próprias lições, ou no Manual do Professor, no final do livro, em momento algum apresentam orientações para um trabalho com contação de histórias em que o professor conte as mesmas para os alunos, ou ensine os mesmos a contar histórias.

Um dos exercícios instrui os alunos a olharem para as figuras, que são partes de histórias, e a escreverem o título do livro do qual as mesmas foram tiradas, informando se o texto é do livro, ou sobre o livro. Não há, nesta mesma página, nenhuma orientação para o professor contar as histórias presentes nos recortes. No Manual do Professor, a informação sobre a página 103 apenas diz ser, o conteúdo ali presente, uma oportunidade para discutir os estereótipos masculinos e femininos presentes nas histórias.

Na página 104 há três páginas de um livro intitulado *It Takes a Village* (É Preciso de uma Vila), com pequenos textos em cada uma delas, e a tarefa principal dada aos alunos é ler as mesmas, e tentar colocá-las em uma ordem lógica. Para o professor, a sugestão dada é que

este peça aos alunos para descreverem as imagens dos recortes do livro ali apresentadas, e que trabalhem com um determinado tempo verbal, a partir das mesmas. Não há, para esta atividade, nenhuma orientação no Manual do Professor.

Uma terceira atividade com estórias pode ser encontrada na página 110. Na mesma, há informações sobre fábulas, explicando que estas são estórias que tem animais como personagens principais e que apresentam uma lição moral.

Uma orientação também é dada ao professor, para que este compartilhe, com os alunos, informações sobre as fábulas de Esopo. No Manual do professor, há informações sobre algumas fábulas que Esopo escreveu, porém, não há orientação para que as mesmas sejam contadas.

Um dos exercícios da página 110 pede aos alunos que leiam as partes que foram recortadas e coladas ali, visando, apenas, identificar tempos de verbos.

A página 112 apresenta, em um recorte, uma versão de um conto de fadas intitulado *The Frog and the Princess* (O Sapo e a Princesa). Assim como as outras estórias apresentadas, para esta não há orientação alguma direcionada ao professor, para que este conte a mesma para os alunos, entretanto, há um quadro com o seguinte título: “How to tell a joke” (Como contar uma piada - O Dicionário em língua inglesa *The American Heritage Dictionary of the English Language* define piada como uma estória engraçada com um clímax vigoroso), destinado aos alunos, e apresentado como se fossem conselhos.

Este quadro contém vários elementos que foram elencados neste trabalho de pesquisa: a- praticar várias vezes antes de contar a estória diante de um público; b- memorizar a estória; c- verificar se a estória é apropriada para o público alvo; d- utilizar pouco tempo; e- utilizar estórias que sejam compreendidas por aquele que quer contá-la. Caso contrário, deve-se descartá-la.

O último item desta página convida os alunos a contarem estórias para a sua classe, preparando-se para isso, orientando-os, entretanto, a escolherem uma piada que ouviram e tentar contar a mesma em inglês. Não há uma orientação para que se conte a própria estória presente no livro.

Quanto ao Manual do Professor, a única orientação referente à página 112 é para que o mesmo utilize o texto, O Sapo e a Princesa, para levar os alunos a refletirem sobre o papel da mulher na sociedade.

Percebe-se que há um padrão, nesta coleção, para o trabalho com estórias, a partir do que já foi apresentado até aqui, que é a exploração do texto para a promoção de discussões temáticas e, ainda, o trabalho com a estrutura da língua, porém, há ausência de instruções para o professor contar os tipos de estórias nele presentes.

Na página 137 há uma estória sobre Tornados, e na página 147 há o conto de Hans Christian Andersen intitulado The Emperor's New Clothes (As Roupas Novas do Imperador). Para nenhuma deles é sugerido o trabalho de contação de estórias.

No Manual do Professor, é apresentado, como objetivo geral, em relação ao trabalho com as estórias, o desenvolvimento do gosto pela leitura literária por meio de contos em língua inglesa.

Concluindo a análise desta coleção, verificou-se que no último livro da mesma, o Alive 9, não há trabalho com contação de estórias.

### **Coleção Vontade de Saber Inglês**

Não há, no índice dos livros desta coleção, proposta de trabalho com a contação de estórias. A leitura do índice, e do Manual do Professor, revela que não há proposta de Contação de Estórias neste livro.

### **Coleção It Fits**

Livro 6, 7, 8 e 9 – Não há trabalho de contação de estórias proposto no índice do livro. Há uma atividade de listening (audição) no livro 6, na página 118, porém não há a proposta, na página, ou no Manual do Professor, para que o mesmo utilize o texto desta atividade, que vem reproduzido no próprio livro, em uma seção no final do mesmo, como uma estória, e a conte para os alunos.

Nesta página, há cinco atividades referentes a esta fábula. A primeira pede para os alunos preencherem os espaços em branco com uma das sete palavras presentes em um

quadro, palavras estas extraídas do texto; A segunda atividade pede para as alunos ouvirem a estória uma segunda vez, para fazerem um exercício de falso ou verdadeiro; A terceira atividade apresenta três frases e, uma delas, representa a moral da estória. Ambas estão em língua inglesa, e os alunos devem descobrir qual é a sentença correta; A quarta atividade apresenta nomes de fábulas e os alunos são solicitados a darem um outro título para a mesma; A última atividade também se refere à atividade quatro. Os alunos devem escolher um dos títulos das fábulas ali presentes e devem fazer três desenhos referentes à mesma.

A orientação dada ao professor, presente na própria página, é para que o mesmo encoraje os alunos a lerem as questões antes de ouvirem a estória, para que possam prever as respostas. O mesmo deve, ainda, comentar com os alunos sobre as palavras *hare* (lebre) e *hair* (cabelo), pois, de acordo com o livro, estas palavras são pronunciadas da mesma forma.

Isso é tudo o que é apresentado para o trabalho com a atividade, que é um comentário feito por uma menina acerca da fábula de Esopo, A Lebre e a Tartaruga. A mesma informa que a estória será recontada a partir da perspectiva da lebre. A lebre, na verdade, diz que nunca havia perdido uma corrida, e culpa Esopo pelo que aconteceu na estória. Tudo isso se desenrola em dois curtos parágrafos.

No livro 9 há uma atividade de reading (leitura), em uma divisão do livro intitulada *Literature for Life* (Literatura para a vida), nas páginas 28 e 29, que apresenta um conto de fadas, juntamente com dois outros textos - um pequeno poema, e um diálogo - porém, a atividade apenas solicita que os alunos identifiquem com que tipo de texto estão trabalhando e, depois, escrevam duas linhas sobre o que entenderam dos mesmos.

No Manual do Professor, esta seção do livro contém instruções, apenas, para que o mesmo explore a estrutura gramatical trabalhada no texto, além de outras atividades que não passam pela contação de estórias.

Nas página 93 há um recorte de um livro de short stories (estórias curtas). É um trabalho direcionado para a leitura e interpretação e a instrução, na própria página, para o professor, é que o mesmo oriente os alunos a sublinharem as partes que comprovam as respostas dadas em um exercício de falso e verdadeiro, além de exercícios de compreensão e leitura e, no Manual do Professor, não há nenhuma instrução de trabalho com este texto.

## Conclusão

Após levantar o histórico da contação de estórias no ensino, descrever o gênero storytelling, estudar alguns projetos de pesquisa desenvolvidos no Canadá, nos Estados Unidos, na Colômbia e no Brasil, e classificar, além de elaborar um guia de análise de estórias a partir do arcabouço teórico construído neste projeto, foi feita a análise das coleções propostas pelo PNLD.

A análise dos livros didáticos revelou que, na modalidade proposta neste projeto de pesquisa, não há trabalho de contação de estórias em nenhuma das coleções do PNLD. Há estórias apresentadas em alguns livros, principalmente contos e fábulas, predominantemente nos livros da Coleção *Alive*, porém, tanto nesta coleção, quanto nas outras, em nenhuma delas há a orientação, tanto nas lições, como nos Manuais dos Professores, para que estes contem as estórias para os alunos.

As atividades propostas estão relacionadas à leitura dos tipos de estórias ali apresentados, visando o trabalho com interpretação de textos, análise de estruturas da língua, e adequação dos temas aos dias atuais, buscando relação quanto à questões sociais, por exemplo.

Concluiu-se, desta forma, que a contação de estórias, na modalidade proposta, ou seja, o professor contando estórias para os alunos, não está presente nos livros de língua inglesa escolhidos pelo PNLD, para o Ensino Fundamental II, para o ano de 2014.

Ao longo deste projeto de pesquisa, algumas descobertas chamaram a atenção para possíveis futuros trabalhos de pesquisa, tais como a grande produção de literatura para a contação de estórias, percebida no período que vai do final do século XIX ao início do século XX, claramente mencionada em algumas obras consultadas e percebida no grande número de títulos surgidos neste período.

Há, ainda, a possibilidade de se fazer um projeto de pesquisa comparativo entre as obras produzidas neste período e algumas obras atuais, com o objetivo de se verificar se há elementos novos, que foram acrescentados as obras mais atuais que trabalham com este tema, o que, em um primeiro momento, não pode ser percebido por este pesquisador que tem, neste

Corpus, obras que estão distantes, uma das outras, por um período de até 120 anos, aproximadamente.

Este questionamento surgiu a partir do grande número de obras produzidas no final do século XIX e início do século XX e que foram digitalizadas, recentemente, por grandes grupos, tais como a Microsoft e a Google, muitas delas fazendo parte da Referência Bibliográfica deste projeto de pesquisa, além do Projeto Gutenberg, que também trabalha digitalizando obras consideradas de grande importância para a humanidade.

Outro tema para uma possível pesquisa, aqui apresentado a partir de uma provocação da orientadora deste trabalho, após a observação dos resultados aqui alcançados, é a presença, ou inexistência da arte da contação de estória nos cursos de graduação de Língua Inglesa, visto que esta pesquisa elenca uma série de técnicas para o trabalho com esta arte que não fazem parte das disciplinas destes cursos, não sendo, os professores, preparados adequadamente para o trabalho com a contação de estórias.

A escolha da estória, o interesse dos alunos e do professor na mesma, a postura deste enquanto conta essas estórias, a contextualização e adaptação, o trabalho com a voz e tantos tópicos aqui abordados certamente dariam aos professores de língua inglesa instrumentos para o trabalho com esta arte. Isso contribuiria para uma melhoria da qualidade do ensino de língua inglesa neste país.

Por fim, fica a sugestão de se pesquisar a razão pela qual esta arte milenar, extremamente valorizada como um dos grandes instrumentos para o ensino, não apenas de outras línguas, legado de milênios da presença do homem sobre a Terra, não é trabalhada nas coleções propostas pelo governo brasileiro, na modalidade proposta neste projeto de pesquisa, modalidade esta que é o início de tudo, ou seja, alguém, contando uma estória para alguém: “Once upon a time ...”. (Era uma vez...).

### **Referências Bibliográficas**

BAKER, Augusta. GREENE, Ellin. **Storytelling: Art and Technique**. 2. Ed. New York & London: R. R. Bowker Company, 1987.

BAUER, Caroline Feller. **Handbook for Storytellers**. Chicago: American Library Association, 1977.



- BRENEMAN, Lucile. BRENEMAN, Bren. **Once Upon a Time**. Chicago: Nelson Hall, 1983.
- BRYANT, Sara Cone. **How to Tell Stories to Children: And Some Stories to Tell**. Whitefield: Kessinger Publishing, (1905,2010).
- BRYANT, Sarah. **How to Tell Stories to Children**. New York: Houghton Mifflin Company, 1905.
- BURRELL, Arthur. **A Guide to Storytelling**. Detroit: Sir. Isaac Pitman & Sons, LTD., 1975.
- CATHER, Katherine Dunlap. **Educating by Storytelling**. New York: World Book Company, 1918.
- DIXON, Ellen. **How to Tell Stories to Children**. Devon, Scruffy and Friends Ltd, 2010.
- ESENWEIN, J. Berg. STOCKARD, Marietta. **Children's Stories and How to tell Them**. Springfield: The Home Correspondence Scholl, 1917.
- FORBUSH, William Byron. **Manual of Stories**. Philadelphia: George W. Jacobs & Co. Philadelphia, 1918.
- FRANKLIN, Karl J. **Loosen Your Tongue: An Introduction to Storytelling**. Dallas: Graduate Institute of Applied Linguistics, 2010.
- GONZALEZ, Nohora Inês Porras. Teaching English through Stories: A Meaningful and Fun Way for Children to Learn the Language. **Profile**, Bogotá, V.12, n. 01. p-95-106, 2010.
- HAVEN, Kendal F. **Super Simple Storytelling: A Can-Do Guide for Every Classroom, Every Day**. Englewood: Teacher Ideas Press, 2000.
- KEYES, Angela. **Stories and Story-Telling**. New York. D. Appleton and Company, 1911.
- LOWE; ZEMLIANKSKY. **Writing Spaces: reading on writing**. Anderson. Parlor Press., 2011.
- MUNN, Hilary Dawn. **Oral Storytelling and Student Learning: Once Upon a Classroom...**1999. 115f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado)-The Ontario Institute for Studies in Education of the University of Toronto. Toronto, 1999.
- PARTRIDGE, Emelyn. PARTRIDGE, George. **Storytelling in School and Home: A Study in Educational Aesthetics**. New York: Sturgis & Walton Company, 1912.
- PELLOWSKY, Anne. **The World of Storytelling**. New York :R. R. Bowker Company, 1975.
- RANSOME, Arthur. **A History of Storytelling**. London : T.C. & e. c. JACK., 1909.
- SHEDLOCK, Marie. L. **The Art of the Story Teller**. Toronto: Dove Publications Inc, 1951.

ZARO, Juan Jesús. SALABERRI, Sagrario. **Handbooks for the English Classroom: Storytelling.** Oxford :McMillan Publishers Ltd, 1995.

WARREN ( 2008, apud FRANKLIN, 2009

WALSH, John. **The Art of Story Telling: Easy Steps to Presenting an Unforgettable Story.** 2<sup>nd</sup>. ed.Chicago: Moody Publishers, 2014.

ZISKIND, Sylvia. **Telling Stories to Children.** New York: The H. W. Wilson Company, 1976.